

# Stadium

N.º 350  
17 de Agosto de 1949  
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

## O III Dia Popular da Natação



Promovido pelo Clube Nacional de Natação efectuou-se no passado domingo, com verdadeiro êxito, como se verifica pelo número de inscrições, o 3.º Dia Popular da Natação. Concorreram centenas de praticantes de todos os bairros de Lisboa que deram à piscina do Nacional de Natação um extraordinário movimento, chamando para um desporto tão útil e indispensável como a natação o interesse de todos os portugueses.

As fotografias que publicamos revelam bem a maneira como esta iniciativa do C. N. N., mais uma vez, foi recebida. Está por fazer-se ainda um grande movimento a favor da natação portuguesa, mas é indiscutível que a campanha conquista época-a-época novos adeptos e praticantes. Alguma coisa significam estas fotografias da «Stadium»!



# “Esta vitória na Pequena Travessia de Lisboa ficará como uma das melhores recordações da minha vida”

— disse-nos **BAPTISTA PEREIRA**

«O Arenque», transportando alguns membros do júri, depois de ter acompanhado pormenorizadamente toda a corrida, ora seguindo o esforço dos homens da vanguarda, ora observando a actuação daqueles que vinham mais atrasados, fundeou em Pedrouços, junto da meta, nessa tarde magnífica de 7 de Agosto.

O Tejo estava lindo, inundado de luz e de sol. O espectáculo alegre e multicolor de uma prova com as características da Pequena Travessia de Lisboa revivia, finalmente, e surgia ante os olhos de todos na plenitude da sua beleza.

Pouco faltava para as dezassete horas. As embarcações dos primeiros classificados aproximavam-se, indicando aos melhores o caminho da meta. O público, cada vez em maior número, aglomerava-se na praia. A «dois passos» — «dois passos» que são, aliás, uma das grandes dificuldades da Travessia — a jóia manuelina da Torre de Belém, testemunha infalível de todas as provas do género.

E quando chegou o primeiro, o grande favorito da importante corrida, o forte nadador alhandrense Joaquim Baptista Pereira, houve palmas e aplausos gerais. E houve aplausos gerais porque, de facto, ninguém podia ficar indiferente a tão magnífica vitória — nítida e indiscutível.

Baptista Pereira alcançou, sem dúvida, um dos seus melhores triunfos. E realizou, também, um esforço notável através dos 8 quilómetros do percurso.

O seu invulgar poder físico e o seu extraordinário espírito de batalhador estiveram, uma vez mais, em evidência.

Baptista Pereira é, assim, o homem do momento. O homem da Pequena Travessia de Lisboa a nado.

## Rápido perfil do atleta

Foi, também, numa prova de rio que, caso curioso, Baptista Pereira fez a sua estreia oficial como nadador. Foi na Travessia do Tejo de 1936, prova que Alberto Azinhais dos Santos venceu sem «tempo» oficial, onde Jofre de Carvalho, primeiro dos «principiantes» apenas foi batido por

três «ases» de categoria: Azinhais, Eduardo Manaças e Armando Mousinho de Almeida. O Alhandra venceu por equipas na categoria de «principiantes», vitória para a qual contribuiu Baptista Pereira.

No ano seguinte, 1937, Baptista Pereira apareceu a disputar os Campeonatos Regionais, tendo sustentado admiráveis lutas com José Ricardo Domingues e arrechado o título dos 400 metros-livres, principiantes. No festival de encerramento da temporada, realizava a sua primeira grande proeza individual: apossava-se do recorde absoluto dos 400 metros-

recordes nacionais dos 400 metros livres, com a marca de 5 m. 21 s., obtida em Algés no dia 17 de Setembro de 1945, dos 500 metros-livres, que percorreu em Alhandra, em 5 de Agosto de 1943, em 7 m. 02,4 s., dos 800 metros-livres, que, também na piscina do seu clube, em 6 de Setembro de 1942 cobriu em 11 m. 21,2 s. e dos 1.500 metros-livres, com o «tempo» de 21 m. 25 s., obtido em Coimbra, a 9 de Setembro de 1945.

## A mais recente vitória

Quando Baptista Pereira tocou vitoriosamente a meta em Pedrou-



Momentos depois de ter tocado vitoriosamente a meta em Pedrouços, Baptista Pereira conía as suas impressões ao nosso camarada Abreu Torres

-livros — 5 m. 50 s. 3/5 — então pertença de Azinhais dos Santos, com 5 m. 51 s..

Em 1938, conquistava os seus primeiros títulos de campeão nacional: 400 e 1.500 metros-livres.

De então para cá, a hegemonia nas provas de meio-fundo e fundo tem-lhe pertencido inteiramente, tendo brilhado, também, principalmente até 1942, nos 200 e 300 metros-livres.

Com numerosos títulos conquistados, quer regionais, quer nacionais, vencedor de Travessias do Tejo e por várias vezes, também, da prova Vila Franca-Alhandra, Baptista Pereira é, sem dúvida, na sua especialidade, a figura número um da última década da natção portuguesa.

Nadador internacional desde 1945, Baptista Pereira detém os

ços, juntando, assim, o seu nome e o do seu clube, aos nomes de Henrique José Maria, João da Silva Marques, Fernando Sacadura e Alberto Azinhais dos Santos, vinha visivelmente fatigado por tão intenso esforço, como bem se compreende.

Não foi, pois, fácil ouvir o campeão. Baptista Pereira estava na embarcação que o acompanhava, entregue aos cuidados do seu treinador Alfredo Peniche, e dirigia-se para terra. Solicitado por nós, voltou para trás e saltou para o «Arenque».

Foi, então, que nos declarou: — Esta vitória na Pequena Travessia de Lisboa ficará como uma das melhores recordações da minha vida. Estou satisfeito por ter participado numa prova assim. E mais satisfeito, ainda, por a ter

Visado pela Comissão de Censura

ganho, como era meu grande desejo. Além disso, os meus companheiros, Jofre de Carvalho e Manuel Pinhão, portaram-se bem. Foi uma grande vitória para o Alhandra.

Perguntámos-lhe, depois, se tem treinado com intensidade e como encara os próximos Campeonatos Nacionais. Baptista Pereira responde:

— Presentemente, estou seguindo preparação intensa e espero apresentar-me, em Coimbra, em boa «forma». E alcançar, de novo, os títulos máximos dos 400 e 1.500 metros-livres.

## Onde se fala na vinda de nadadores franceses

Dissemos, depois, a Baptista Pereira que se encara a possibilidade da vinda a Lisboa de uma forte equipa de nadadores franceses.

O assunto — que nessa altura circulava, apenas, atrás dos bastidores — causou viva surpresa a Baptista Pereira. Mas o forte nadador alhandrense compreendeu imediatamente o alcance da nossa afirmação e afirmou-nos:

— Gostaria extraordinariamente de nadar contra os franceses, já que até agora só me tem sido dado lutar com os espanhóis.

E num desabafo sincero: — Em provas internacionais parece que se sente outra coisa...

Não era justo que retivessemos por mais tempo o vencedor da Pequena Travessia de Lisboa. Felicitá-mo-lo e despedimo-nos.

Baptista Pereira regressou à sua embarcação e dirigiu-se para terra onde os seus admiradores o esperavam.

Entretanto, tinham chegado mais concorrentes. O sol começava a declinar e punha, nas águas calmas do Tejo, reflexos de prata.

ABREU TORRES

**GRAVURAS**  
de Armeis & Moreno, Lda.  
Travessa S. João da Praça, 38

# Últimos apontamentos da Travessia de Lisboa

## e a taça «Fernando Camarinhas»

**P**ODE o Clube Sportivo de Pedrouços legitimamente orgulhar-se por ter reatado ao cabo de 15 anos a sua Pequena Travessia de Lisboa.

A corrida, apesar da grande maioria dos nadadores actuais estar mais adaptada a provas de piscina, atingiu nível técnico muito apreciável, tendo alcançado a meta 23 concorrentes. Acrescenta-se que só em três edições da prova este número foi superior: 24 em 1927, 32 em 1928 e 37 em 1930. Mas há que levar em consideração ter agora sido suprimida a categoria de «principiantes».

A marca alcançada pelo vencedor — 1 h. 29 m. 53 s. — é valiosa, embora fique a 7 m. 44 s. do recorde absoluto. Mas há sempre que levar em linha de conta que os «tempos» de provas desta natureza estão sujeitos a inúmeros factores estanhos à actuação e à «forma» do nadador.

O resultado de Baptista Pereira, na tabela dos vencedores das oito Travessias realizadas, ocupa o quinto lugar, a seguir aos de Azinhais, 1 h. 22 m. 9 s., e 1 h. 27 m., Henrique José Maria, 1 h. 22 m. 58,2 s., e João da Silva Marques, 1 h. 28 m. 17,6 s.

**N**OS lugares de honra, nadadores com seu nome de há muito firmado: Jofre de Carvalho, que tem papel idêntico ao de Delfim Cunha noutros tempos — eterno segundo; Manuel Pinhão, outro alhandrense muito resistente; Pereira Bastos, antigo campeão de 400 e 1.500 metros, cuja prova a todos os títulos meritória, excedeu, até certo ponto, a mais lisonjeira expectativa, e o esperançoso Alfredo Filipe, um producto do Naval de Sesimbra, que este ano tem primado pela regularidade.



Alberto Azinhais dos Santos, recordista da Pequena Travessia de Lisboa, demonstrando belo espírito desportivo, esteve presente na importante prova, embora correndo por fora

**O** clube organizador pode juntar a todos os outros mais um motivo de satisfação: a vitória na categoria de juniores, por intermédio de Armando de Oliveira, um nadador experiente que muito beneficiou do bom rumo que seguiu, principalmente na difícil passagem da Torre.

**D**IGNA de referência especial, a bela classificação alcançada pelo representante do Nacional de Natação, Manuel da Fonseca, um honroso 6.º lugar, com 1 h. 39 m. 3 s.

Manuel da Fonseca, um veterano destas competições, deu assim um belo exemplo de dedica-

ção e desportivismo, que a crítica regista com todo o agrado, e que bem pode servir de modelo aos novos.

Anote-se por curiosidade, que Manuel da Fonseca foi o terceiro classificado na categoria de principiantes, na Travessia de 1933, com o «tempo» de 1 h. 35 m. 26,2 s. Corria então pelo Benfica.

**E**vem a propósito referir, também, o belo desportivismo de Azinhais dos Santos, o recordista da prova, que correndo por fora, chegou entre o 7.º e o 8.º classificados, com o «tempo» de 1 h. 40 m. 55 s.

Vinto anos depois de ter triunfado na Travessia de Lisboa, na categoria de juniores, Azinhais dos Santos gostou de estar presente. E a sua presença foi vista por todos com viva simpatia.

Recorde-se, a propósito, que havia obtido então o «tempo» de 1 h. 53 m. Não lhe pesam portanto os vinte anos volvidos...

**O** grande público talvez não avale o que custa pôr em movimento a complicada engrenagem duma prova como a Travessia de Lisboa. Por isso mesmo, quando tudo sai impecavelmente, só há que louvar. É o caso de agora.

**Q**UINTA-FEIRA última, o Sport Algés e Dafundo organizou no seu estádio náutico, pela quarta vez consecutiva, agora com a colaboração da A. N. L. o torneio inter-clubes que tem por prémio a taça «Fernando Camarinhas» — justa e tocante homenagem àquele apreciado nadador que a morte ceifou em plena mocidade.

## RESPONSABILIDADES

**N**ÃO se pode dizer que a organização da Volta a Portugal em Bicicleta tenha tido os favores da Imprensa. O que se passou durante a prova foi severamente criticado e a opinião pública reflete nos seus pareceres um sentimento que não queremos classificar ante tanta soma de incompetência, de desordem, de volubildade de critério e de indisciplina que lhe é apresentada como a síntese da acção de dirigentes responsáveis pelo lustre de uma corrida que é das mais populares e importantes realizadas no País.

Claro que agora vão aparecendo aqueles que a lógica mais elementar aponta como principais responsáveis, a tirar suas castanhas do lume procurando queimar os outros. Seria conveniente para salvaguarda do prestígio do ciclismo que se averiguasse oficialmente sobre quanto se passou, não para punir, mas para preventivo do futuro e para eliminação dos pseudo-dirigentes sem capacidade para tão altos vãos.

Não esqueçamos que a Volta foi organizada pelos organismos hierarquicamente superiores do desporto ciclista, os únicos com competência técnica para tal empreendimento. Já no ano passado assim foi e ludo correu regularmente.

Logo, a culpa foi dos homens, não do sistema.

Da desordem, da indisciplina, dos ditos e não ditos é exclusivamente culpado o juri, que não mostrou autoridade, nem critério.

Pelos males, chamemos-lhes intrínsecos (chegadas impróprias, circuitos impossíveis, etc.) é responsável a organização, tanto mais que os seus componentes percorreram previamente o País, naquilo que chamaram Volta de Preparação e que pelo visto não preparou coisa nenhuma.

Bem sobemos que, levada a cabo por organismos paupérrimos, a Volta só é viável se lhe assegurarem receita suficiente; mas isto não pode afectar a regularidade desportiva da competição; ou então, chamemos-lhe apenas uma «tournée» artística.

A Federação de Ciclismo, com o seu nome à cabeça da organização deve apresentar a quem de direito o relatório desassombrado dos factos, das suas culpas e das alheias, porque o que se passou não pode repetir-se, nem a Volta se repetirá se não ficar ao abrigo de tantos e tão grandes atropelos.

Neste número:

Separata a cores de  
**DIAS SANTOS**

## Grupo Desportivo Loriguense



O «team» de honra do Grupo Desportivo Loriguense. De joelhos, da esquerda para a direita: Nogueira (capitão), Ascensão, Neves, Galinha e Tonito. De pé: E. Melo, Lourenço 2.º, Ramos, Ferrão, Lourenço 1.º, Armando e Tô Leitão

ABREU TORRES

# O DR. ANTÓNIO JOSÉ DE MELO

tesoureiro da F. P. F., confia-nos as suas impressões...

Por PITTA CASTELEJO

**U**M encontro casual no passado sábado proporcionou-nos o ensejo de trocar impressões com o dr. António José de Melo, um dos mais activos componentes da Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol.

Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras e em Direito o distinto dirigente, — a quem nos ligam fortes laços de estima e admiração — tem revelado no desempenho do ingrato cargo de tesoureiro daquela entidade, o maior zelo e competência, podendo classificar-se de notável a sua acção.

Não deixámos fugir tão preciosa oportunidade e pedimos-lhe, — com aquele avontade que a amizade consente — novidades para os aficionados da bola.

Relutante a princípio, aquiesceu depois, breve se esquecendo de que as suas opiniões chegariam ao conhecimento do público.

Do que ouvimos, compilamos as principais passagens que vos oferecemos propositadamente sem aqueles moldes habiluís que servem para apresentar um entrevistado.

Já é do conhecimento de todos que, na futura época, o Campeonato Nacional da II Divisão será disputado em obediência aos novos preceitos constantes do Projecto remetido para apreciação e conhecimento às Associações regionais.

Sobre o assunto reconhecemos o que se segue:

— Em relação ao regime que vigorou no ano passado, cada zona será constituída por 12 clubes portanto mais 8 do que até ao presente.

«Esta resolução foi motivada pelo desejo de obstar a que os clubes participantes desta prova, cessassem a sua actividade em fins de Dezembro, mantendo-se inactivos durante o grande lapso de tempo que decorria entre o fim da competição e os jogos preliminares da «Taça de Portugal».

«Assim, os vencedores das 4 zonas disputa-ção o título de campeão e, este, o ingresso na I Divisão defrontando o 12.º classificado, na época de 1949/50. Na temporada seguinte, ou seja em 50/51, apenas 12 clubes participam no Campeonato principal, visto que os 13.º e 14.º classificados baixarão automaticamente.

Abordado o problema financeiro do Campeonato Nacional ficámos sabendo que...

«Vai ser suprimido o art.º 28.º do Regulamento, o qual estabelecia: sempre que as receitas líquidas dos encontros fossem inferiores às despesas das deslocações, a Federação cobriria esse prejuízo por conta das dotações do seu Fundo, constituído por metade da percentagem de 6.º da receita líquida dos jogos do Campeonato e por 10.º da receita líquida dos jogos internacionais.

Este encargo e os da fase preliminar da «Taça de Portugal», absorveram, na época passada, aproximadamente 400 contos à Federação!»

Os clubes da II Divisão que tiveram maior prejuízo foram os da zona D, salientando-se o Campomaiorense, com uma receita de Esc. 308\$00 e uma despesa de cerca de Esc. 43.000\$001

Na I Divisão já o caso foi diferente, pois somente o Lusitano de Vila Real de Santo António apresentou um «deficito» aproximado de 40 contos.

Na época de 1949/50, — elucidou-nos, — disputarão a prova, apenas os clubes cuja situação financeira lhes permita cobrir as despesas. Os outros, certamente, não se inscreverão, visto a suspensão do artigo do Regulamento.

— Quanto à «Taça de Portugal»? — Inquirimos.

— A Federação está convencida de que haverá datas livres para a realização desta prova clássica, a qual, segundo o pensamento federativo, será disputada pelos 14 clubes da I Divisão, mais os 8 de cada zona do Nacional da II Divisão e, ainda, pelos 2 finalistas da da III Divisão.

«Nos quartos de final compareceria o representante das Ilhas, o vencedor absoluto dos encontros a disputar; com vista ao seu apuramento».

— A propósito — disse-nos — o robustecimento da equipa do Marítimo do Funchal, é para mim, motivo de grande gozozijo, porque demonstra de forma eloquente que o futebol praticado nas Ilhas está muito próximo, em valor, do revelado pelos principais clubes que o cultivam no Continente.

«Também se me oferece dizer que a vinda do representante das Ilhas, está subordinada apenas à direcção do clube, não tendo, nunca, a Federação impedido ou criado dificuldades à sua deslocação, com a antecedência que seja reputada indispensável para uma perfeita adaptação ao ambiente da capital e ao repouso e recuperação física dos seus atletas».

Proseguindo:

— A «Taça de Portugal», desta forma, será disputada em cinco jornadas a eliminar, participando nela, no primeiro dia de jogos, 28 clubes, assim recrutados: 14 da I Divisão; 12 da II e 2 da III. Apurados para os quartos de final 7 concorrentes, a eles se juntará, então, o campeão das Ilhas.

No intuito de tornar menos onerosas as deslocações, confirma-se que a Federação vai deliciar-se nesse sentido?

— E' verdade. Vamos avistar-nos com a C. P., para lhe pedir que as caravanas desportivas tenham redução nas tarifas ferroviárias, a fim de que seja facilitada a vida financeira dos clubes, a mor parte dos quais, presentemente, está lutando com sérias dificuldades.

Ao abordarmos o tema «Taça Império», obtivemos como resposta que não estava prevista a sua efectivação.

«Teríamos em Lisboa, a disputa da «Taça Latina», com a totalidade de jogos entre os quatro países intervenientes, a menos que, entretanto, o magnifico «Estádio 28 de Maio», — em acabamento em Braga —, não esteja até lá em condições de ser utilizado para alguns deles».

«Quanto a jogos internacionais, realiza-se no Estádio Nacional, o Portugal-Inglaterra, sendo este o único prélio combinado até agora...»

— Excepto os que contarão para o Campeonato do Mundo — atalhámos.

— Tem razão —olveu-nos — e faço votos para que Portugal, após as eliminatórias da taça «Jules Rimet», em que jogará contra a Espanha faça parte de uma das quatro séries de 4 equipas, que actuarão no Rio de Janeiro, em Junho do próximo ano. O Brasil (pós organizador) e a Itália (último vencedor do Campeonato), serão «cabecas» de séries. Os outros dois países devem ser a Inglaterra e a Suécia ou a Argentina.

— Quem será convidado para seleccionador nacional?

Parante esta pergunta de chôfre, o tesoureiro da Federação sorriu e respondeu-nos:

— O problema da escolha do seleccionador nacional é uma missão delicada e difficilissima, não sei se se encarar pela Comissão Administrativa, visto ter apresentado a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, o seu pedido de demissão.

«Quanto a mim, opto pelo seleccionador único, que me oferece mais garantias de realizar trabalho digno e proveitoso, do que um Comité de Seleção».

De resto, falo assim, baseado nos resultados obtidos com a implantação dos dois critérios.

Ardua tarefa está confiada à individualidade que arcar com esse cargo. Por isso, entendo que a escolha deve ser feita com bastante antecedência para que a preparação da equipa portuguesa se revista de todos os cuidados. Aqueles cuidados indispensáveis para que a representação nacional, no Campeonato do Mundo, nos dê a certeza de que nada foi descurado».

Falou-se, seguidamente dos nossos jovens atletas, daqueles rapazes que participam no campeonato de «juniões» e onde abundam valores a aproveitar no futuro.

O dr. António Melo, asseverou-nos:

— Pessoalmente sou de opinião de que os «juniões» se devam agrupar em duas classes: uma com os atletas de 17 e 18 anos que jogariam durante 90 minutos; outra com os de 15 e 16 anos que actuariam durante 60 ou 70 minutos. Não posso conceber que os nossos rapazes tenham robustez física inferior à dos estrangeiros».

«Um «junião» de 17 ou 18 anos que reveleasse valor, subiria imediatamente à categoria de honra, a bem do clube e do próprio Desporto. Tenha-se em mente, esse portento de 18 anos, que comandou a linha dianteira do Torino, nos encontros da «Taça Latina»...



Dr. António José de Melo

(Continuação da pag. 13)

# O Técnico continua sendo campeão nacional

O terceiro campeonato nacional de voleibol que se disputou em Espinho, durante a semana passada foi mais uma magnífica demonstração da vitalidade, da expansão e do nível técnico desta modalidade no nosso País.

O torneio teve a novidade da presença do representante da Madeira que, em face aos melhores agrupamentos de Lisboa e do Porto se houve com notável brio, equiparando-se a eles e dando convincente demonstração do direito que lhe assistia de vir ao Continente competir para um título que em circunstâncias favoráveis lhe assentaria sem desprimor. Se o campeonato de 1950 se celebrar, como consta, no Funchal, os representantes locais podem ser cotados como favoritos.

A característica principal deste campeonato em Espinho foi a nivelção de valores; o próprio Técnico teve que se empregar a fundo contra qualquer dos adversários e, no primeiro encontro contra o Leixões, privado de três titulares, lutou durante duas horas e esteve na eminência do desaire; no entanto o grupo campeão português foi último classificado na prova.

Espinho, Nacional, Sporting e Leixões, classificados por esta ordem, mostraram-se de valor tão aproximado que se a ordem fosse outra, inversa até, não seria de espantar. Dos quatro foi sem dúvida o Espinho o mais regular, mas a equipa beneficiou de haver colhido o Nacional na estreia, um Nacional que foi esmagado sem dar um vislumbre da sua verdadeira categoria. Temos a impressão que esse resultado de surpresa influiu decisivamente na posição dos grupos que ocuparam os três postos intermediários.

O Sporting, que se apresentou em incompreensível baixa de forma — incompreensível pela vertiginosa queda — foi no segundo dia da competição para o campo convencido de vitória fácil, julgando os madeirenses pelo que viria na véspera; a resistência que encontrou veio a gerar progressiva desorientação dos seus elementos e a derrota final, nunca esperada, nem sequer posta antes em hipótese por alguém que houvesse assistido ao jogo da

véspera, quebrou-lhes a confiança nas suas possibilidades para o resto do campeonato. A equipa merece, sem dúvida, melhor do que o lugar que veio a ocupar ao cabo do campeonato.

Para arquivo nas nossas colunas, damos nota dos resultados dos dez encontros celebrados, pela sua ordem no programa.

Técnico-Leixões, 15-11, 16-14, 9-15, 9-15, 15-10.

Espinho-Nacional, 15 12, 16 14, 15 8.

Técnico-Espinho, 15 8, 15 9, 5-15, 16-14.

Nacional-Sporting, 16 14, 16-14, 2 15, 19 17.

Espinho Leixões, 13-15, 11-15, 15 12, 15 7, 15-11.

Técnico-Sporting, 15 8, 15 7, 10 15, 18-16.

Técnico-Nacional, 9-15, 15-6, 17 15, 15 12.

Sporting-Leixões, 14-16, 15 11, 9-15, 15-10, 16 14.

Espinho-Sporting, 15 7, 15 12, 7-15, 17-15.

Nacional-Leixões, 15 7, 16-14, 15 7.

Para se julgar de quanto foram competitivos estes encontros basta examinar os números indicados; só dois *matches* se decidiram em três partidas e, no total do torneio, treze das 41 partidas jogadas decidiram-se nas vantagens.

Houve, ao todo, quinze horas de jogo efectivo; o encontro mais rápido, Espinho-Nacional, durou 50 minutos e o mais demorado, Sporting-Leixões, 2 horas, 25 minutos; Técnico-Leixões e Espinho-Leixões levaram duas horas a decidir-se, os restantes cerca de hora e meia, com excepção do Nacional Leixões que ficou arrumado numa hora.

As partidas mais longas foram a 3.ª do encontro Técnico-Nacional com 37 serviços e a 4.ª entre o Nacional e o Sporting, com 30 serviços; a mais curta, a 3.ª do Sporting-Nacional, ganha pelos *leões* em 5 serviços.

A maior série de pontos no mesmo serviço foi alcançada pelo Nacional contra o Leixões, com 11; depois o Sporting sobre o Nacional e sobre o Leixões, 8.

Para acabar estes dados estatísticos saiba-se que o Técnico, em 17 partidas jogadas alcançou 188 pontos por remate ou *celo-ação* sem defesa; o Sporting, em outras 17, 154 p.;

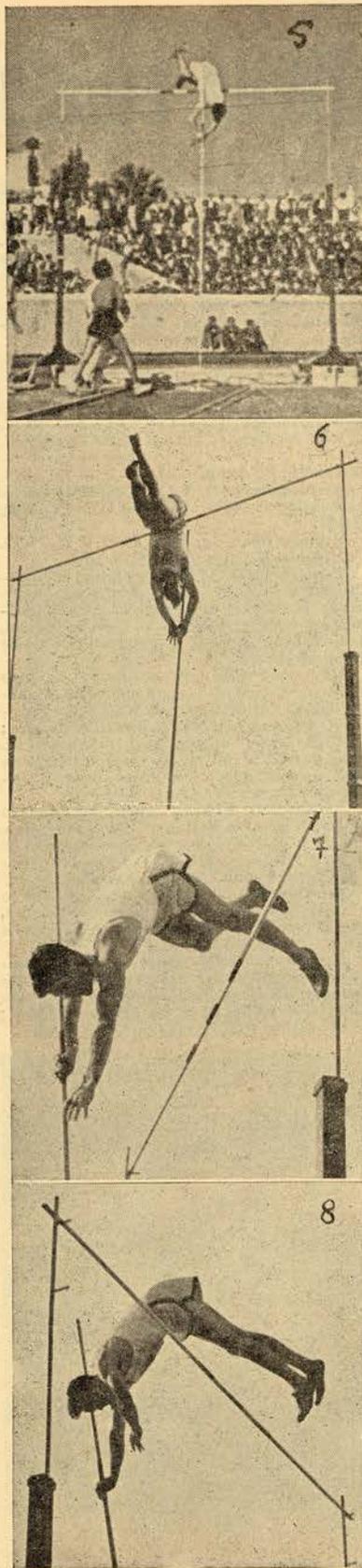
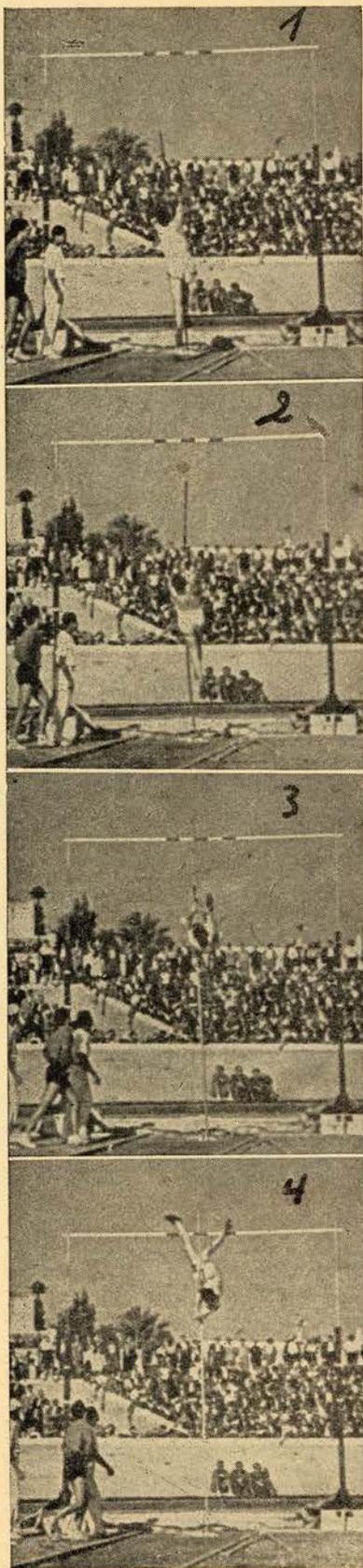


DE CIMA PARA BAIXO — A equipa do Leixões Sport Clube, classificada em 5.º lugar. A equipa do Nacional da Madeira, classificada em 3.º lugar. A equipa do Sporting Clube de Portugal, classificada em 4.º lugar. A equipa do Sporting Clube de Espinho, que se comportou excelentemente, classificando-se logo a seguir ao campeão (2.º lugar).

o Leixões 118 p. em 18 partidas; o Espinho 105 em 16 e o Nacional 86 em 14 partidas. Os jogadores mais eficientes foram: Camara Pereira (Spt.) com 63 pontos obtidos; Melo e Silva (Spt.), e Campos (Leixões), 46; Walter Brandão (Esp.), 45; F. Oliveira (Nac.) e Pinto Leite (I. S. T.), 42 p.; todos em quatro encontros; F. Frade (Téc.), 35 p. em três encontros; Rui Henriques (Nac.) e Abel Gomes (L.), 34 p. em 4 encontros. Na próxima semana apreciaremos as equipas concorrentes e as arbitragens.

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, mais uma vez campeão nacional de voleibol, título conquistado com grande brilhantismo

SALAZAR CARREIRA



# O ESTILO dos atletas americanos

ANALISADO E COMENTADO

pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

(Uma imagem vale mil  
palavras. — Confúcio)

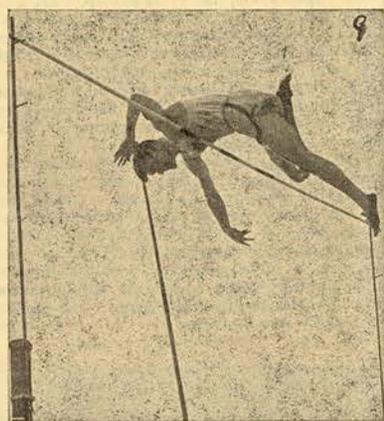
V — Robert Richards,  
saltador com vara

**T**RANSPOZ em Lisboa, por duas vezes, 4<sup>m</sup>,30 mas posteriormente, em Dublin, atingiu 4<sup>m</sup>,40 e em Oslo 4<sup>m</sup>,50, o que o coloca em 6.º lugar na escala dos melhores especialistas mundiais.

As primeiras cinco imagens, que reproduzem a fase ascensional do salto e a viragem superior foram extraídas do interessante filme de Nunes de Almeida, preciosa fonte de ensinamentos.

*Fig. 1* — Chamada: os braços suspensos da vara em extensão superior, mãos por cima da cabeça e no prolongamento do eixo do tronco e da perna de impulsão. A perna livre não se vê, escondida pelo tronco, o que prova que foi lançada de joelho para cima e para diante.

*Fig. 2* — Suspensão: o saltador sobe sus-



penso na vara, sempre com os braços estendidos, enquanto as pernas (a de impulsão vê-se ainda subindo em extensão para a frente) executam com o tronco o movimento pendular que vai conduzir os pés à altura do plano de apoio das mãos, que é o momento da imagem seguinte.

*Fig. 3* — Tração dos braços: é neste ponto da trajectoria, quando os pés alcançaram a altura das mãos, que Richards começa o trabalho dos braços, fletindo-os e elevando assim todo o corpo, na preparação da fase seguinte e mais importante do exercício.

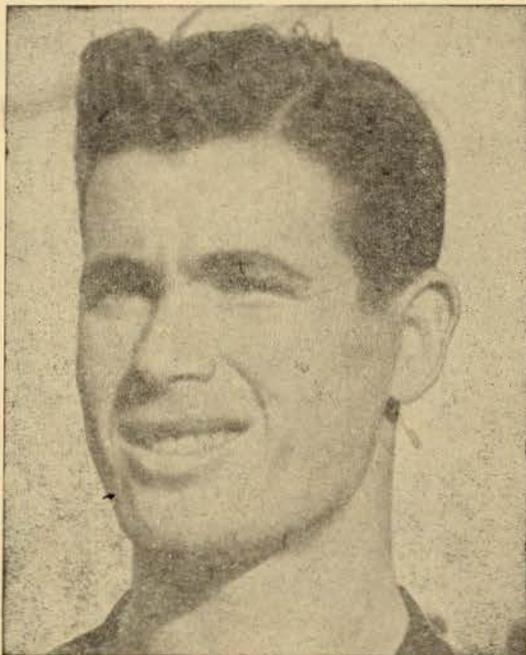
*Fig. 4* — Golpe de tesoura e imagem: concluída a flexão dos braços com o corpo já em extensão superior, chegou o momento de executar o golpe de tesoura (perna livre por diante da outra e para dentro; perna de chamada para traz e para fora) que promove a rotação da bacia e a viragem do saltador de face para baixo.

Logo a seguir,

*Fig. 5* — A extensão dos braços eleva o saltador em pino sobre a vara (vide *Fig. 6*), para logo a seguir as pernas fletirem adiante pelas ancas, formando com o tronco um assento circunflexo (vide *Fig. 8*).

*Fig. 7* — Chegou a ocasião de soltar a vara;

# Olhanense e Sporting de Braga



CABRITA, um dos mais famosos jogadores do Olhanense

**T**OTALIZANDO 24 pontos, empataram para o 7.º posto da classificação final do Campeonato Nacional de Futebol, os dois Sportings — Olhanense e de Braga. Os algarvios obtiveram 10 vitórias, 4 empates e 12 derrotas e os minhotos, 11 vitórias, 2 empates e 13 derrotas. O desempate é favorável ao clube de Olhão, porque a sua culpa conseguiu o que a rival não foi capaz: vencer-la fora de casa! Os olhanenses foram dos poucos grupos que venceram em Braga.

Mas, pelo menos em nossa opinião, a igualdade de pontos exprime melhor o equilíbrio das possibilidades actuais das duas excelentes formações da Província. Embora oriundas de regiões opostas, praticam um

estilo de futebol com certas afinidades, mais vistoso que incisivo, urdidura de jogo mais perfeita do que a potência do remate.

## O Olhanense

Mais experimentado, e também em franco progresso, o Olhanense melhorou consideravelmente a sua classificação, em relação ao Campeonato anterior. A equipa é sensivelmente a mesma. Houve, talvez, um melhor ajustamento de «peças» no «xadrez» da equipa. Cabrita parece-nos mais útil a interior do que é avançado-centro. No «seixo» de ataque, Eminentio distinguiu-se como um dos melhores marcadores do Campeonato, pois foi o oitavo na respectiva lista final. Obteve 16 golos; Salvador, 11; Cabrita e Moreira, 6; Soares, 5; Joaquim Paulo, 4; Acácio, 2 e Nogueira, 1.

## O Sporting de Braga

O futebol progrediu imenso no Minho. O Sporting de Braga, que em 1947 ganhou o Campeonato da II Divisão e, na época seguinte, subiu à principal, vendo-se depois coagido a defender a sua permanência ali, por ter ficado em penúltimo lugar, não teve, este ano, essas apreensões. Não obstante, marcou agora menos golos que nesse ano — o que é caso único, tendo em vista que subiu cinco lugares na classificação! Mas sofreu menos 15 golos — e isso significa que a

atacante, que neste torneio foi o melhor marcador do «team» de Braga.

Os 39 golos do Sporting minhoto foram obtidos por Frederico (9), Mário (7), Diamantino (5), Daniel e Cassiano (4), Silva e Alvaro Pereira (3), Elói (2), Marques e Joaquim, um cada.

## Na Taça de Portugal

Por coincidência, bracarenses e olhanenses foram adversários na jornada inaugural do torneio para a «Taça de Portugal», cabendo ao Sporting minhoto receber a visita do seu homónimo de Olhão. O «team» de Elói não se deixou surpreender, desta vez, e eliminou o clube algarvio por 1-0. Derrotou a seguir o Belenenses pela mesma diferença, também em Braga, mas acabou por ser arredado da fulminante prova, nos «quartos de final», ao perder na Covilhã, contra o seu homónimo local, por 3-1.

Vasco Santos



DANIEL, a figura-base do Sporting de Braga

esta imagem e a seguinte ilustram um pormenor importante e sobre cuja mecânica fomos o primeiro a fixar doutrina técnica. Richards liberta em primeiro lugar a mão inferior, o que acaba de fazer. Verifica-se que a espada esquerda está ainda em plano inferior à direita;

Fig. 8 — Logo a seguir firmando-se na extensão do braço direito, eleva ainda o tronco como aqui se vê, com a espada esquerda já mais alta do que a direita; as pernas ultrapassaram a barra e a repulsão final da barra com a mão direita completará a resolução favorável do salto. (Fig. 9).

## Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

# DE CHAVES AO PORTO

A etapa de Chaves a Vigo proporcionou a comparação de um elemento que é uma das figuras históricas do desporto nacional — Sr. Guilherme Pinto Bastos, introdutor do futebol em Portugal. Foi por isso convidado para dar a partida aos 47 corredores que se mantinham na prova.

Este troço de corrida, disputado quase no todo em Espanha, teve um interesse que se limitou especialmente à sensação agradável de se viajar no estrangeiro. Até à fronteira, a marcha começou a ser de pelotão compacto, e houve apenas de realce um «furo» para Escalano, e outro para Jerónimo Souto. Antes e depois de passada a linha que limita os dois países, a prova só forneceu de interesse, sob o ponto de vista desportivo, a beleza atlética da subida, ou seja nas grandes subidas que encontraram, em geral mais íngremes que as de Portugal.

A paragem e neutralização de tempo em Orne se poderia ter despertado o entusiasmo dos corredores que ainda tivessem aspirações de subida na classificação geral. Mas praticamente, feitas as «pazes» dentro da equipa do Futebol Clube do Porto, apenas Fazio estava em condições de atacar, tendo aliás de lutar com quase toda a equipa azul e branco. Do Benfica, talvez que José Martins pudesse fazê-lo também, especialmente em combinação com Fazio, ou com Vidal Porcar. João Rebelo procurava «sê nente aguentar-se» até ao final do Prémio da Montanha.

Deste modo, com os portugueses sem audácia, e com os espanhóis de Barcelona em defesa para a luta ao «sprint» não houve nenhuma movimentação até Orne, onde chegou a bem dizer tudo junto, nem de Orne até Vigo. Salvou-se apenas o aspecto panorâmico do trajecto. Fazio pôde ter um «furo» — e recolar.

Perto de Vigo, um «furo» de João Rebelo teve mais influência, porque o pelotão respondeu com um ataque em forma, e elevando por isso a cadência da marcha, não obstante se ter de subir bastante para o alto de onde se desce para Vigo. Mesmo assim, entraram 14 corredores com o mesmo tempo de Fernando Moreira, vencedor da etapa, à frente de Maximiano Rola e Vidal Porcar. João Rebelo perdeu cerca de três minutos. A média horária do vencedor ficou em 29.714.

De Vigo para Viana do Castelo, tornou a prova a ser disputada com monotonia, ainda que com velocidade depois de Viana. Na primeira hora, percorreram-se apenas 28 quilómetros. Um prémio em Valença, ganho por Manuel Barros, criou um balanço de velocidade que se manteve até final, mais elevada quando apareceram mais prémios. Em Espanha houve uma queda de corredores mas, felizmente, sem novidade. Um ou outro «estirão» não passou de tentativa logo anulada. Os corredores pouparam-se para a tirada da tarde, de grande expectativa para o Prémio da Montanha.

Fernando Moreira triunfou novamente, com uma média de certo modo regular — 31.631. Apenas se atrasaram dois corredores — Alberto Coelho, por avarias, e Valmitjana, por indisposição física.

O troço disputado de tarde, apenas com 79 quilómetros de extensão, teve três partes distintas, mas no conjunto foi, novamente, uma etapa sem interesse. Até Ponte de Barca, expectativa e vigilância entre quatro ciclistas capazes de ganhar o Prémio da Montanha — Rebelo, Porcar, Fazio e Lambertini; de Ponte de Barca até Portela do Vale, onde se fazia a contagem, cadência forte de desgate, com vista a cansar os corredores que pudessem interpor-se no galope para a «meta». A batalha limitou-se por isso a pouco antes da linha que assinalaria a passagem dos corredores.

Atrazado ligeiramente Lambertini, a luta mais apertada travou-se entre João Rebelo e Porcar. Fazio passou em primeiro lugar. Fernando Moreira foi o segundo. Vidal Porcar adiantou-se a João Rebelo, mas este, em igualdade de pontos, tinha a seu favor o desempate pela melhor posição na classificação geral.

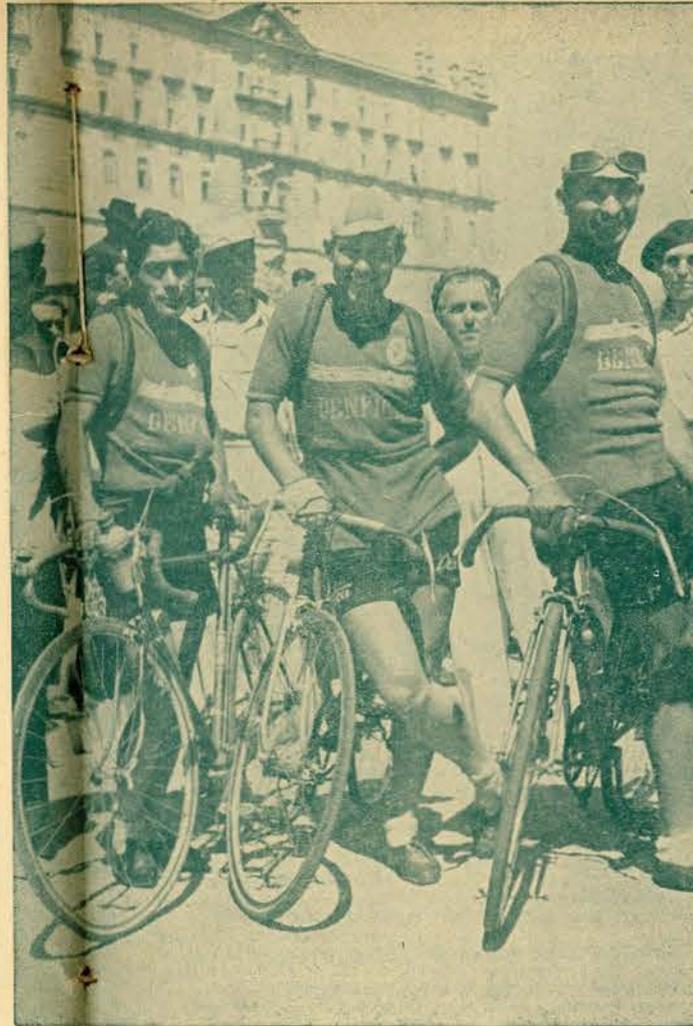
Reparados os nervos em tensão até à «meta» do Prémio da Montanha, iniciou-se a terceira parte, a descida de Portela do Vale para Braga, com mais velocidade — e com mais um «arrilhão» de confusões quando os corredores passaram por debaixo do letreiro de «meta». A vitória veio a ser atribuída a Fazio, seguido por Gueguem, Montana, Fernando Moreira e Onofre Tavares.

A média horária foi um pouco melhor que na manhã — 32.570.

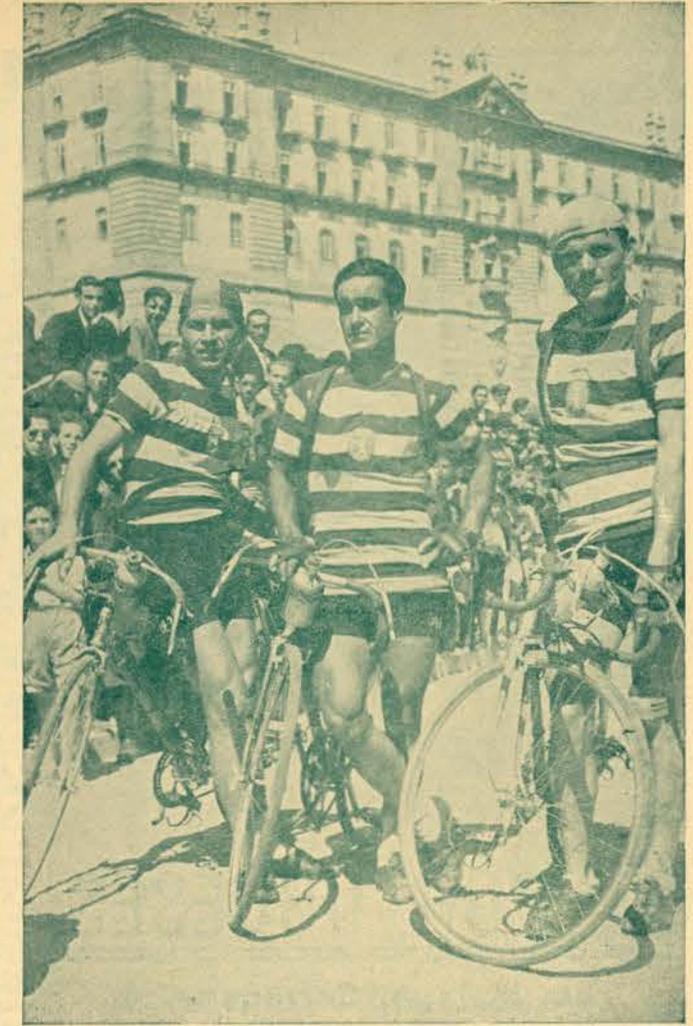
Guilherme Jacinto alargou a corrida de Braga a Vila do Conde com uma fuga de grande estilo, depois de ser neutralizado, pela resposta do pelotão, um estirão, enérgico, de Fazio, na companhia de um homem do Porto. Guilherme Jacinto, a dar ideia de período de recuperação física, lançou-se numa fuga magnífica de voluntariedade, que deu uma média horária de cerca de 40 quilómetros até Barcelos. E a primeira hora da



A equipa do Futebol Clube do Porto que brilhantemente ganhou a 14.ª Volta a Portugal. Da esquerda para a direita: Joaquim Sá, António Dias Santos e Lambertini



Equipa do Sport Lisboa e Benfica que se classificou em 2.º lugar. Da esquerda para a direita: João Rebelo, Império dos Santos e José Martins



A equipa do Sporting Clube de Portugal que se classificou em 3.º lugar. Da esquerda para a direita: Mário Fazio, Maximiano Rola e Júlio Mourão

## Ainda a VOLTA A PORTUGAL Os melhores corredores e os clubes mais em destaque

ACABOU SE a «Volta», já se disse na «Stadium». Acabou-se a prova e fechou por isso a série de crónicas da grande corrida. Mas podemos fazer ainda alguns comentários, em jeito de análise de conjunto. Uma prova como a «Volta», que movimentou todo o País, durante dez dias, oferece sempre larga margem para considerações de carácter geral. Começemos, pois.

De entrada, não fica mal dizer que a prova começou bem em popularidade e fechou ainda melhor, em maré alta de entusiasmo. Prova essencialmente popular, de novo correu em condições de se vincar nitidamente essa característica. E verificou-se, uma vez mais, que é necessária ao ciclismo. É natural que nem tudo possa ter sido perfeito. Trata-se, porém, de uma grande prova — demorada, difícil e dispendiosa. O que é de desejar é que a lição de um ano mais sirva sempre para limar arestas no futuro. Fiquemos, entretanto por aqui, neste capítulo.

De um modo geral, podemos afirmar que, principiando a prova com a equipa do Futebol Clube do Porto em vantagem, a revelar uma supremacia que se confirmou depois, o facto não pesou no ânimo das outras equipas de primeiro plano. Ao seu espírito de iniciativa ficou a prova devendo em boa verdade, uma movimentação que se prolongou até ao Porto. O Benfica pôde chegar, numa jornada plena de emoção, ao primeiro posto, em todas as classificações. O Porto teve, mais tarde, uma réplica admirável. Mas até mesmo no último dia da prova o Benfica e o Académico arrancaram, ainda, dois triunfos brilhantes, respectivamente em Vila do Conde e no Porto. A luta porfiada foi outra característica da «Volta» deste ano.

A última etapa pode classificar-se como a *lirada dos estrangeiros*. Já Império dos Santos, ganhando prémios até Famalicão, havia dado um ar de graça. Mas o espanhol Félix Bermudez, em verdadeira fúria, libertou-se do pelotão e a sua pedalada, enérgica, tinha qualquer coisa de vitoriosa.

Foi ele que animou a prova. Um francês (Gueguem) e um espanhol (Mont) apresentaram o perigo, e, enquanto o grosso da coluna se deixava embalar suavemente, eles lançaram-se na prugada do fugitivo, alcançando-o.

Verdade seja, todos estavam contentes com os postos conquistados. Montanha atraxou-se, mas os outros dois discutiram ao «sprint», o direito de ganhar a etapa do Porto, a de maior honra. Pouco depois o maillot amarelo de Dias Santos dominava o Estádio do Lima, Era a apoteose!

Porque falámos de equipas, podemos aproveitar o ensejo da referência para se anotar que os clubes se agruparam, na classificação colectiva, pela ordem correspondente dos méritos revelados na corrida. Não se justificaria qualquer dúvida acerca da justiça com que o Porto triunfou.

Foi de facto a melhor, bastando registar em pormenor, que cinco dos seus corredores ocuparam os cinco primeiros lugares da classificação geral. Só uma vez desceu do primeiro lugar, mas episódicamente. O Benfica seguiu-se-lhe na lista, com um conjunto de valores que se aproximaram muito uns dos outros, em resultados. O Sporting teve um excelente corredor em

### A classificação das equipas

António Dias Santos venceu com brilhantismo. Em Santarém não dera ainda impressão de se encontrar em boa forma. As desistências no Lisboa-Porto e no Porto Lisboa faziam prever que se encontrasse pouco enrolado. Mas atacou muito bem no final da etapa de Tavira a Évora. E defendeu-se valorosamente no resto do percurso. Lambertini foi um corredor esplêndido — forte e voluntarioso. Joaquim de Sá foi sempre um corredor discreto, mas seguro, que brilhou mais à defesa nos grupos em fuga. Moreira de Sá teve pouca sorte, em mais de uma etapa. Fernando Moreira deu mais de uma vez a impressão de ser ainda o melhor corredor do Porto. Teve um período de crise e azares entre o Porto e as Caldas. Depois, pareceu em condições de poder subir até à primeira classificação.

Mário Fazio, o sexto, afirmou-se corredor de excelentes recursos, capaz de fazer melhor em provas destas características. José Martins recuperou parte do terreno perdido ao princípio. Joaquim Apolo mostrou-se sempre valoroso. João Rebelo atravessou um período de crise devido a uma constipação. Império correu com alguma irregularidade, dando a sensação de se inferiorizar quando em subida. Foi no entanto a subir que venceu em Braga, ainda que depois de descer bastante. Júlio Mourão e Maximiano Rola acusaram os efeitos do desreino, melhorando por isso à medida que enrolavam mais.

Fazio, mas Bermudez desceu bastante depois da queda em Aguas de Moura. O Louletano animou bastante a prova, especialmente à custa de Joaquim Apolo e Manuel Barros. O Barcelona apenas teve um homem em evidência — José Vidal Porcar. Montanha apareceu pouco nos primeiros lugares.

### Os corredores na classificação geral e no Prémio da Montanha

A arrumação dos corredores na classificação geral corresponde, no conjunto, à forma como marcharam na prova, em alguns casos não traduzindo bem o valor próprio.

António Dias Santos venceu com brilhantismo. Em Santarém não dera ainda impressão de se encontrar em boa forma. As desistências no Lisboa-Porto e no Porto Lisboa faziam prever que se encontrasse pouco enrolado. Mas atacou muito bem no final da etapa de Tavira a Évora. E defendeu-se valorosamente no resto do percurso. Lambertini foi um corredor esplêndido — forte e voluntarioso. Joaquim de Sá foi sempre um corredor discreto, mas seguro, que brilhou mais à defesa nos grupos em fuga. Moreira de Sá teve pouca sorte, em mais de uma etapa. Fernando Moreira deu mais de uma vez a impressão de ser ainda o melhor corredor do Porto. Teve um período de crise e azares entre o Porto e as Caldas. Depois, pareceu em condições de poder subir até à primeira classificação.

Mário Fazio, o sexto, afirmou-se corredor de excelentes recursos, capaz de fazer melhor em provas destas características. José Martins recuperou parte do terreno perdido ao princípio. Joaquim Apolo mostrou-se sempre valoroso. João Rebelo atravessou um período de crise devido a uma constipação. Império correu com alguma irregularidade, dando a sensação de se inferiorizar quando em subida. Foi no entanto a subir que venceu em Braga, ainda que depois de descer bastante. Júlio Mourão e Maximiano Rola acusaram os efeitos do desreino, melhorando por isso à medida que enrolavam mais.

João Rebelo e Vidal Porcar foram os melhores trepadores, no conjunto de todas as contagens. Zanazzi deu todavia, uma prova esplêndida dos seus recursos na especialidade. Numa só etapa, na mais extensa e mais penosa, ganhou 10 pontos. A desistência, entre Tavira e Évora, pô-lo, porém, fora de combate. Lambertini e Fazio distinguiram-se também.

Em resumo, uma prova excelente de movimentação, com um bom lote de corredores de primeiro plano.



Os campeões latinos de «snipes» — velejadores do Clube Naval de Lisboa — Arícia Alberty e Rolando Soares de Oliveira

## VELA

# OS PORTUGUESES

em Málaga, Cartagena,  
Chicago e Monte Carlo

**P**ROSSEGUEM as competições internacionais com a presença de velejadores portugueses. Uma maneira prática de avaliar a capacidade dos nossos velejadores no mundo da vela. Até agora a balança favorece-nos, pesando os resultados de Paris e Londres. Seguem-se para confronto as regatas de Málaga, Cartagena, Chicago e Monte Carlo. Na primeira destas cidades já a balança começou a inclinar-se para nós com o triunfo de Rolando Soares de Oliveira e Arícia Alberty e a regularidade das restantes tripulações de «snipes» do Clube Naval de Lisboa.

As maiores dificuldades, pela importância das provas e os valores que as competições reúnem, vão encontrar os portugueses no Campeonato do Mundo, em Chicago, e Campeonato da Europa, em Monte Carlo — ambos reservados à classe «Star». Para Chicago já seguiram João Capucho e António Herédia — experimentados velejadores de épocas distantes. O segundo foi muito bom nos seus tempos, e o primeiro teve uma brilhante época em 1947. Apesar de Capucho e Herédia terem ganho o direito à selecção, o melhor «starista» português estará presente no Campeonato da Europa. Trata-se de Duarte Belo que vai acompanhado de José Bustorff, sucessor de Fernando Belo na proa do «Faneças».

Além destes irão a Monte Carlo disputar o Campeonato da Europa de «Stares»: Ernesto Mendonça, António Silva, Joaquim Fiuza, Jállo Gourinho, Edgar Cruz, António Vilardebó, Alberto Graça, João Tito e dois velejadores ainda não escolhidos.

Das duas competições, o Campeonato da Europa oferece-nos as maiores probabilidades. Poderá haver espírito de equipa entre os seis concorrentes portugueses, entre ajudando um deles. Por outro lado o lote nacional reúne os melhores valores. Não só Duarte Belo, como também Ernesto Mendonça, Joaquim Fiuza e Jállo Gourinho têm a experiência das competições do género e possuem vastos conhecimentos do barco em que correm. Há dois estreantes da classe «Star» nesta época: Edgard Cruz e António Vilardebó e os respectivos «proas». Quanto a eles e a Alberto Graça nada se poderá acrescentar por enquanto.

E' provável que após todas estas regatas de Málaga, Cartagena, Monte Carlo e Chicago, a balança continue a acusar peso favorável ao progresso da vela nacional. Em Málaga e Cartagena tudo parece caminhar pelo melhor. Em Monte Carlo temos muitas probabilidades. Só em Chicago...

HENRIQUE PARREIRO

# UMA ESCOLA

## ou então um curso de treinadores

**U**MA escola ou um curso de treinadores, mas em qualquer dos casos de funcionamento regular e periódico é, desde já, uma necessidade premente do nosso futuro e, como necessidade imediata, — inadiável. Uma escola, talvez não, por implicar um desenvolvimento e um apetrechamento que, provavelmente, o próprio futebol não poderá ainda manter.

Mas um curso, no «desfo», tem hoje inteiramente asseguradas as suas bases.

De resto, já se fizeram duas tentativas, ambas com excelentes resultados.

Apenas lhes fallou, porventura, a continuidade...

Na medida em que um futebol progride, os problemas do jogo assumem novos aspectos, outra complexidade e outra importância, e a sua solução, impondo observação e estudo, passa a exigir algo mais do que intuição pura ou simples boa vontade...

A evolução técnica, as questões táticas, que são hoje a anatomia do futebol, não podem ser dissecadas por curandeiros, mas por verdadeiros especialistas, de posse de um vasto grau e actualização de conhecimentos.

Há entre nós alguns treinadores esclarecidos e actualizados, sem dúvida.

Pouquíssimos? Possivelmente... (A questão dos bons treinadores tem, no nosso futebol, um passado — muito recente...) Outros há que não sabem nada. Outros ainda que saberão muito pouco ou somente o trivial. E há

também os que continuam a ensinar por processos e métodos mais que ultrapassados.

Ora a existência de um curso, de funcionamento regular e periódico, tal como se preconiza e, aliás, não pode deixar de ser, reduzirá rapidamente estas desproporções e se não as nivelar, trará consigo, pelo menos, um maior equilíbrio, para prestígio do Jogo e até da profissão, que não pode ser refúgio de falhados em outros mistérios...

E' verdade que em todos os tempos e em todas as latitudes, se dispensaram e hão-de continuar a dispensar treinadores. Mas não podemos esquecer que ao passo que o problema caminha para uma melhor solução, a questão relativa à renúncia de contratos de treinadores se torna menos latente, passando quase ao despercebimento, à maneira que se aperfeiçoa...

Porém, no futebol português, o caso dos treinadores que se contratam ou, antes se dispensam, excede em muito, por exemplo, na respectiva percentagem, o das transferências de jogadores.

Enquanto este, até certo ponto, terá de considerar-se normal, ter-se-á de considerar anormalíssimo o primeiro...

A renovação das equipas é uma necessidade criada por elas próprias, ao passo que a do treinador é imposta por ele mesmo...

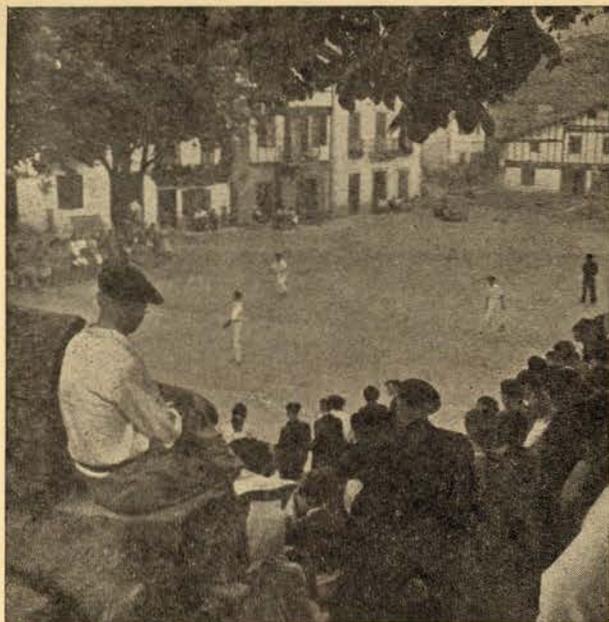
Nesta diferença está todo o problema.

ADRIANO PEIXOTO

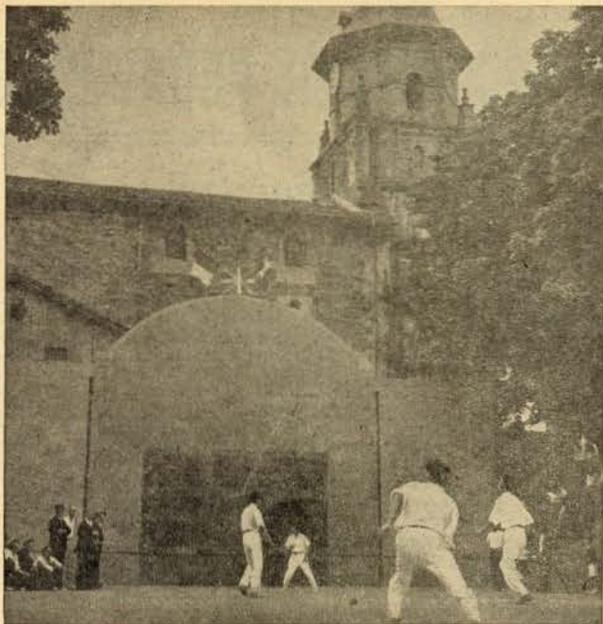
## Sporting Clube S. Martinho



Eis o grupo de honra de uma das filiais do Sporting, o Sporting Clube de S. Martinho. De joelhos e da esquerda para a direita: Lino, Arnaldo, Pereira, Zeca e Trepa. De pé: Saboia, João, Abreu, Toninho, Rato e Egídio



A multidão assiste, gratuitamente, na vasta praça de Ainhoa, a um desafio domingueiro entre jovens do lugar



A igreja é pardacenta; o frontão cor de rosa; o arvoredo é verde e os jogadores estão de branco, sob um céu azul de safira

# A PELOTA VASCA

desporto muito antigo  
jogado por novos e velhos

é um espectáculo cheio de côr  
movimento e força muscular

**Q** UEM quiser conhecer jogo atlético tão exaustivo como o boxe vá aos Pirineus e permaneça algum tempo entre os vascos, quer do lado francês quer da zona espanhola.

Aí, desde a aldeia mais diminuta ao burgo de maiores proporções, seja Ahetze, Etchalar, Baigorri ou St. Jean de Luz, Irun e Baiona, o viandante curioso topará sempre com o mesmo espectáculo. Face ao muro, de mãos nuas ou reforçadas de *chisteras* (jamais *pelotari* que se prese ousaria qualificar no feminino o utensílio característico do empolgante desporto...) jogadores vestidos de branco e cobertos de boinas, batem-se com fervor indomável, muitas vezes até tombar de fadiga.

A pelota vasca é uma batalha de gatos-tigres com fisionomias humanas. E os espectadores, protegidos atrás de redes, como visitantes de um parque zoológico mirando a jaula dos símios, rugem, sofrem, aplaudem e choram, apostando os bens e a camisa pelo resultado de um *match*.

A maioria dos estrangeiros nada sabe nem entende do drama. Durante cerca de uma hora assiste-se ao vai-e-vem da bola, lançada a todo o vapor sobre a superfície polida do *fronton* e logo devolvida para a *can-ha*, seguindo rumos imprevisíveis, forçando os *pelotari* a um exuberante desfiar de contorcionismo, no intento de captá-la.

Quando a última bolada de cada desafio é posta em jogo, o *cantor* — espécie de mestre de cerimónias, encarregado de anunciar a pontuação dos antagonistas — dirá, com voz melíflua, a tradicional expressão: «Ahi vá la nóvia, yaunak!» que nos recorda — ó heresia sem nome! — o *missa est* da liturgia católica.

\*\*\*

Não há muito, quando Jean Borotra nos visitou, preguntámos-lhe se ele, como vasconço, apreciava a pelota.

«Evidentemente!» respondeu o veterano ás da raquete. Atribuo-lhe toda a rapidez, ciência e tática do meu estilo pessoal.»

Realmente, é um desporto fantástico, de natureza internacionalista. Onde quer que se apresente, logo conquista os favores da plebe e do *grand-monde*. Vim-o em Cuba e em Xangai, polos opostos de civilizações dispares. Mas onde ostenta toda a pujança natural é no País Vasco, num cenário a que não faltam cruzeiros de ermidas em estilo românico, com o arco de volta perfeita anunciando o advento da ogiva.

Não há regras rígidas, para se disputar um desafio. Lado a lado, os grupos adversários, compostos por dois ou três jogadores, viram os

rostos para o frontão, adoptando o dispositivo de um avançado e dois recuados. O dianteiro atira a bola ao muro, depois de a haver introduzido na *chistera*, e a superfície devolve-a, como no jogo do tennis: de volei ou deixando-a bater no solo uma vez.

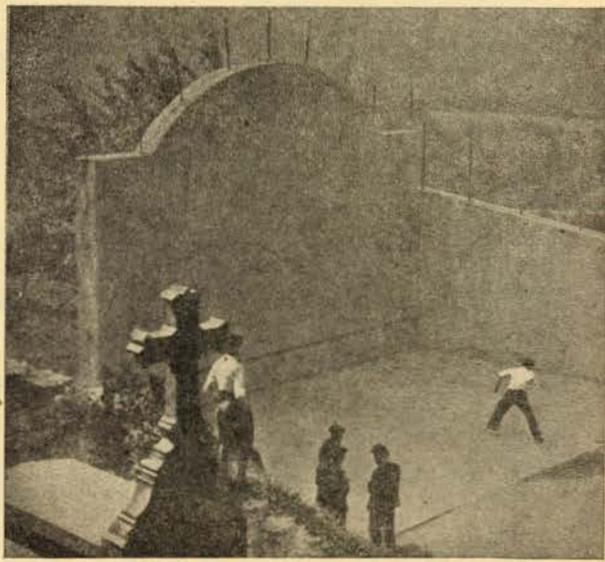
Cada ponto perdido corresponde a uma bola que não foi captada ou jogada em condições e ao cabo de sessenta pontos, o árbitro suspende o desafio, concedendo a vitória ao grupo que alcançou esse resultado.

A *chistera* é um símbolo e também espécie de raquete de verga, que se introduz na mão e fixa ao pulso com ajuda de atacadores.

Como sucede noutros desportos, há jogo *súcio* e *ímpio*, mas aqui as expressões tomam sentido diferente. É que um se pratica com luva — e permite reter a pelota — e o outro faz-se com *chistera* pequena, portanto mais difícil de conseguir.

O bizarro, porém, é ver actuar os padres. Erguem as sotainas e entregam-se de alma e coração ao desporto favorito. Maravilham menos o crente que o ateu, pelo fanatismo e calor posto na batalha. Mas, como seria possível — a um piedoso sacerdote *double* de vasconço — não esquecer com o jogo regional, que desde rapax o atral e comove, na sua cândida singeleza, representando a alma da gente dos Pirinéus — simples, sã e robusta?

R. B.



Quando as *Avé-Marias* soam, os jovens do lugar ainda se exercitam sôzinhos, atirando a bola ao frontão

# O SPORTIVO DE PEDROUÇOS

## conquistou a taça « José Grifo »

O Clube Sportivo de Pedrouços, agora em festa pela passagem do 3.º aniversário, reuniu na sua piscina, no último domingo, as equipas de natação de quatro colectividades — «Os Belenenses», Adicense, Nacional de Natação e Sporting — e organizou um festival para disputa da taça «José Grifo», justa homenagem a um atleta correcto e valoroso, agora ausente em terras de África, mas que o Pedrouços não esquece.

Sam a presença de campeões, sem que, portanto, haja a registar marcas famosas, o festival do Sportivo de Pedrouços constituiu, no entanto, agradável reunião natatória, valorizada pela luta e entusiasmo de que a quase totalidade das provas se rodearam, dada a igualdade de valores.

Nos 25 metros-livres, infantis, temos a registar um bom tempo de José Mourato, 15,2 s., mercê do qual, o esperançoso nadador do C. N. N. averbou justa vitória. Albertino Azevedo (18,8 s.) e Eugénio Rio (20,6 s.) distinguiram-se.

Raul Mendes de Sousa, do Pedrouços, demonstrou boas qualidades, vencendo os 25 metros-bruços, infantis, em 22 s. Esta prova forneceu bons percursos, sendo de assinalar a igualdade de valores verificada: Abel Teixeira (22,8 s.), José Júlio Velez (23 s.) e José Costa (23,3 s.).

Os «infantis» disputaram, ainda, mais uma prova individual, os 25 metros-costas, que proporcionou nova vitória de José Mourato, agora em 20 s.

Do programa faziam parte duas

provas de inscrição livre: 100 metros-bruços e 100 metros-livres. Na primeira destas provas, o Pedrouços classificou os dois primeiros: João Antunes da Silva (1 m. 30 s.), que voltou a impressionar bem e Cristiano Luz (1 m. 33 s.), um dos mais dedicados nadadores do C. S. P.



Fernando de Sousa, o forte nadador do Sporting, vencedor dos 100 metros-livres



A equipa de «Os Belenenses», composta por Baptista, Edmundo e Mendes, vencedora da estafeta de 3x50 metros, estilos

Anotem-se, também, os percursos de Edmundo Leal da Silva (1 m. 35,5 s.), Joaquim Siva Duarte (1 m. 36 s.), Alexandre Leal Dias (1 m. 38,1 s.), Luís de Oliveira (1 m. 38,5 s.) e Armando Mendes (1 m. 38,8 s.) — que todos eles emprestaram muita animação à corrida e deram, realmente, o melhor do seu esforço.

Nos 100 metros-livres, verificou-se o regresso triunfal do nadador leonino Fernando de Sousa que venceu destacadíssimo, com 1 m. 14,4 s. E mais uma vez temos que lamentar que Fernando de Sousa, um pço de qualidades, não treine e apareça com regularidade. Perde-se, assim, um belo elemento. A seguir ao nadador do Sporting, a melhor marca pertenceu a Oscar Monteiro de Almeida, 1 m. 21,8 s.

A prova individual de 75 metros em três estilos, proporcionou justa vitória do esforçado Cristiano Luz (1 m. 2,8 s.), que teve em Alexandre Leal Dias (1 m. 4,1 s.) e em Manuel Alvaro Baptista (1 m. 5,4 s.), os seus mais perigosos competidores.

Seis estafetas preencheram o programa. O Pedrouços averbou quatro vitórias contra uma do Nacional e uma de «Os Belenenses». A luta mais emotiva verificou-se na de

4x25 metros-livres, por categorias, em que a equipa do Pedrouços — Orlando Almeida, José Ramos de Almeida, Armando de Oliveira e Cristiano Luz — triunfou por um décimo de segundo do conjunto do C. N. N. — Jaime Maia, Lúcio Paulo, F. Ferreira e Manuel da Fonseca.

O Pedrouços venceu ainda as estafetas de 3x25 metros-estilos, infantis: 5x25 metros-bruços, inscrição livre e 7x25 metros-livres, inscrição livre.

«Os Belenenses» triunfaram nos 3x50 estilos, inscrição livre, e o Nacional os 3x25 metros-bruços, infantis.

O Pedrouços fez bem em movimentar os nadadores de segundo plano. Festivais desta natureza — à parte a questão do programa que pode ser discutível — só podem trazer benefícios para a modalidade.

A classificação para a taça «José Grifo» ficou assim ordenada: 1.º Pedrouços, 56 pontos; 2.º «Os Belenenses», 39; 3.º Adicense, 35; 4.º Nacional, 24 e 5.º Sporting, 11.

CONSTITUÍU assim êxito a realização do «III Dia Popular da Natação», curiosa iniciativa do Clube Nacional de Natação, com o patrocínio dos nossos pressados colegas «Diário Popular» e «A Bol», tendente a encontrar, entre os jovens de Lisboa que sabem nadar, mas que não estão filiados na respectiva Associação regional, vocações para a prática da natação de competição.

Embora longe de registar a frequência do primeiro ano, o «Dia Popular» constituiu bom espectáculo, serviu bem a propaganda da modalidade e ficou, sem dúvida, como uma data interessante do calendário da temporada de 1949.

E não deixa de ser curioso registar, para pôrmos ponto final, que domingo último, enquanto na piscina de S. Bento, durante todo o dia, se disputaram provas de natação perante numeroso público, à tarde, na piscina «Luís Alves Miguel», em Pedrouços, também se registou boa animação. Foi, pois, um domingo de bela movimentação — e propaganda.

ABREU TORRES



O Clube Sportivo de Pedrouços organizou um festival para disputa da taça «José Grifo» a que deram o seu concurso nadadores do Belenenses, Adicense, Nacional e Sporting. Um aspecto dos concorrentes

Neste número:

Separata a cores de  
DIAS DOS SANTOS

## HIPISMO

# CORREIA BARRENTO

### foi o grande vencedor do Concurso de Sintra

COM a «Caça» e o «Grande Prémio», disputadas no sábado, e «Câmara Municipal de Sintra» e «Parelhas Mistass», que tiveram lugar no domingo, terminou, e m o melhor êxito, o Concurso Hípico de Sintra, que durante quatro dias levou ao campo de Seteais numeroso público.

Já no último número nos referimos às duas primeiras jornadas, pondo em evidência o seu brilhantismo e o interesse das competições. Hoje começaremos por dizer que as duas últimas em nada diferiram daquelas, constituindo, também, um verdadeiro êxito.

O Concurso de Sintra, que durante muitos anos não se realizou e que em 1947 voltou a tomar lugar na nossa Agenda Hípica, tem nela posição assegurada, devido, não só, à sua magnífica organização como, também, ao carinho com que o público o tem acolhido, sinal indicativo de que o não dispensa e deseja vê-lo continuar a servir de boa propaganda para a desporto equestre.

No sábado houve dois vencedores — «Facho» e «Raso», qualquer deles montado pelo capitão Barrento. O primeiro triunfou na «Caça», com uma rapidíssima prova; o segundo ganhou o «Grande Prémio» com o mesmo brilho das anteriores vitórias, que se contam pelo número de provas disputadas neste Concurso, com exclusão da última.

Desta vez a luta foi mais difícil visto que além das dificuldades do percurso teve que bater os internacionais «Favorito», «Congo», «Optus» e «Zusari». Conseguiu o brilhantemente.

«Rama» montado pelo tenente Cruz Azevedo foi o 2.º classificado e «Favorito», com o capitão Calado ocupou o 3.º posto.

Na «Caça» há que destacar ainda a boa prova de «Caramulo», conduzido pelo capitão Calado.

O certame terminou com uma prova denominada «Câmara Municipal de Sintra» e «Parelhas Mistass».

Naquela, nove concorrentes «limparam» o percurso inicial e só estes ganharam lugar na «barra». Os dois primeiros prémios alcançou-os com brilhantismo o tenente Henrique Calado, nos seus novos cavalos «Favorito» e «Caramulo». A estes se seguiram «Congo» e «Raso». A prova foi muito agradável de acompanhar.

O programa do Concurso terminou com «Parelhas Mistass», sempre de tanto sgrado. Nela se revelaram, mais uma vez, as qualidades de D. Maria Cruz Azevedo, que, respectivamente com os tenentes Manuel Cerqueira e Cruz Azevedo, seu irmão, obteve os dois primeiros lugares.

Merece ainda uma referência a parelha constituída por D. Isabel Ribeiro Ferreira e Manuel Espírito Santo, classificada em 3.º e a de D. Rodrigo Paiva Raposo e capitão José Carvalhosa, — aluna e mestre — que alcançou o 4.º lugar.

Findas as provas realizou-se no Casino de Sintra um jantar em honra dos concorrentes, ao qual presidiu o Rei Humberto da Itália.

O Concurso Hípico de Sintra terminou numa atmosfera de franco entusiasmo pelo que estão de parabens os seus organizadores e em especial os srs. Visconde de Asseca, Cordeiro Baptista e José Carvalhosa que com o seu esforço e boa vontade venceram todas as dificuldades.

ANTAS TEIXEIRA



O capitão Correia Barrento e o «Raso», vencedores do Grande Prémio de Sintra

## No limiar da nova época

(Continuação da pág. 4)

Recolhida esta opinião, ventillou-se a vida do atleta, que treina de fuga, que é obrigado a distribuir actividades por diversos misteres por forma a angariar o seu sustento e o da família...

— Sou partidário do profissionalismo, — asseverou-nos o nosso interlocutor, adaptado às condições financeiras dos nossos clubes porque julgo que só o profissionalismo permitirá que o futebol português atinja o grau de perfeição por todos ambicionado, para que as pugnas internacionais em que participarmos sejam travadas em pé de igualdade com os adversários.

«Na organização do profissionalismo em Portugal, deverá ser

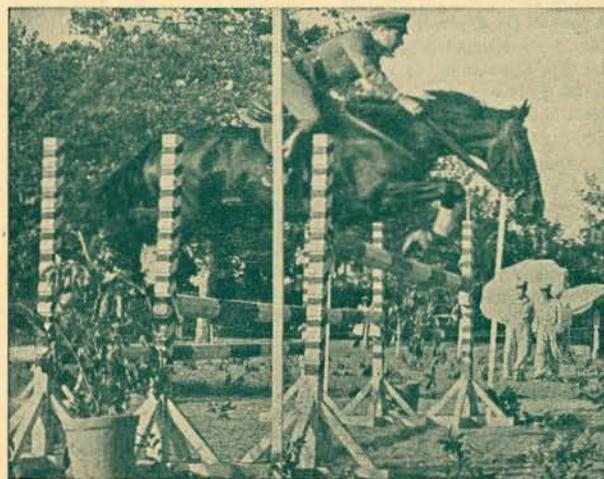
criada uma Caixa de Previdência semelhante às que existem lá fora, para acutelar o futuro daqueles que abandonem a profissão de jogador de futebol».

Ficámos sabendo que o ilustre dirigente, sempre que os seus inúmeros afazeres lho permitem, não deixa de presenciar encontros de basquetebol ou voleibol, atletismo, natação ou ténis. Enfim, todas as modalidades lhe são queridas e com todas elas vibra como verdadeiro desportista que é.

Nada mais nos disse que interesse aos estimados leitores, o antigo e prestigioso secretário geral do Sport Lisboa e Benfica.

Limitámo-nos, por isso, ao fechar este artigo, a agradecer-lhe mais esta prova de apreço.

P. C.



O tenente Cruz Azevedo no «Rama»; 2.º classificado no «Grande Prémio»

## ARCADIA O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

apresenta o mais categorizado programa de atracções

**LAURA ALONSO**

A famosa parelha de baile clássico espanhol

**VICENTE REYES Y LOLITA DOLORES**

MARUJA HERRERO, Anita Lucena, Mary-Mely, Hermanas Baron, Lolita Sevilla, Mabel Valencia e Sara Seny

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

**ARCADIA** com a vocalista norte-americana **DIANA**

**THE ROYAL JAZZ** com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

AMANHÃ, 18: Estreia em Portugal da escultural Ballarina Francesa

**NICOLE BLANCHERY**

Ar condicionado

Temperatura agradável

# Stadium

## na capital do Norte

FERNANDO MOREIRA

Não sabemos se a derrota deste popularíssimo rapaz, na «Volta a Portugal», causou surpresa. O que parece é ter causado «satisfação» em certos meios. Embora também não saibamos porquê...

O certo é, porém, que o mais popular e melhor corredor «nortenho» de sempre (não dizemos «nacional» para não ferir a susceptibilidade daqueles que se magoaram muito com a afirmação — por acaso espalhada na própria Imprensa de Lisboa) — o certo é, dizíamos, que Fernando Moreira viu rodar em sua volta uma teia de intriga sabiamente espalhada, e aplaudida. Os remoques foram-lhe dirigidos surranteiramente, e pôde vêr-se que à sua chegada ao Porto alguns feitos tiveram no ânimo de muitas pessoas.

Nós sabemos, por exemplo, de pessoas adversárias do valor velocípédico português que pediam aos santos da sua devoção a derrota de Moreira. Embora ganhasse um português — que fosse outro. Mesmo Lambertini...

A vitória de Fernando Moreira — essa incomodava-os. Porquê? Por ciúme, unicamente por despeito, para desmentir o apregoador valor de Moreira.

Após a vitória de Dias Santos, veio até nós um desses elementos, que nos disse:

— Gostei muito da vitória de Dias Santos, cá por coisas.

Ora, como não temos papas na língua e sempre fomos leais na vida, mesmo para quantos o não merecem, compreendemos o «cá por coisas» — e respondemos:

— Também gostei, mas não «cá por coisas». Gostei porque triunfou um rapaz do Norte, ali do distrito do Porto, elemento de boa tempera. Lutou bem, honrosamente, e é mais um nome bom do ciclismo português e nacional. Logo, gostei a sério, como homem do Norte, como desportista. Pode V. meter a mão na consciência e falar assim?

O outro quis falar e não pôde. O tal «cá por coisas» fôra adivinhado...

Deste modo, não deve Fernando Moreira considerar-se batido por pensamentos derrotistas. Fernando Moreira não deixa de ser o nosso melhor ciclista. Continuará com a sua popularidade, a popularidade que é sã, e não aquela que varia e cede por impulso de esforços alheios. Essa, que a tome quem quiser. Também podem ficar com ela os fabricantes de escândalos, amadores de entrevistas «fortes» e maldosas.

Bom proveito...

## Curiosidades...

## PONTO FINAL

Há seguros indícios de que a viagem do F. C. Porto às nossas colónias se concluirá com o melhor êxito. Causa apreensões, entretanto, o facto da equipa ter de se apresentar a tempo dos campeonatos nacionais. Se não fôra isso, a equipa faria alguns jogos mais, tanto em Angola, como em Moçambique e no Congo Belga e Beira.

✦ Afinal, Fernando Caiado e Serafim contrário do que se afirmou, não abandonarão o Boavista. Esta notícia tem agradado aos desportistas nortenhos.

✦ Também falharam muitas negociações tendentes a desviar do Porto alguns jogadores de primeiro plano. Reina a paz cá pela terra...

✦ Aguarda-se que Alfredo Valadas consiga produzir trabalho agradável no popular Salgueiros.

✦ O F. C. de Avintes conseguiu igualmente a colaboração de um bom técnico do Sul: Eduardo Augusto. No Vilanovense, continuará o antigo jogador do Benfica — Alcobia.

✦ Se o F. C. Tirsense dispensar alguns jogadores, afirma-se que Catolino e Alvaro voltarão ao F. C. do Porto.

✦ Chegaram a fazer-se diligências para transferir do Porto para Lisboa o jogador Vital. Não deu resultado tal propósito. Vital foi dos primeiros a assinar a ficha pelo F. C. do Porto.

✦ Também não se confirma o ingresso de Diógenes na Academia de Coimbra. O extremo «portista», mesmo frequentando a Faculdade de Direito daquela Universidade, continuará no clube que o popularizou.

✦ Está em movimento o tanque-piscina da Avenida da Boavista. Efectuaram-se provas várias, com agrado geral. Muita rapaziada nova, e alguns com valor. É uma questão de continuar...

✦ Começou a falar-se na saída de ciclistas de nomeada do Porto para Lisboa. Realmente, durante a «Volta», algumas tentativas se fizeram nesse sentido. No entanto, não acreditamos no seu êxito...

A cidade do Porto respondeu briosamente. A partida como à chegada dos corredores da «Volta», o público soube vibrar como nenhum outro, auxiliando a iniciativa com invulgar entusiasmo e... à custa da sua bolsa!

Se passarmos em revista, serenamente, sem falsa imparcialidade, toda a gama de sucessos e insucessos da grande competição, verificaremos que, sem culpa alguma nas irregularidades conhecidas e desconhecidas, puderam os desportistas fazer provas que o Porto era digno de assistir, como assistiu, a espectáculo de tal quilate.

É certo que o Porto estava directamente interessado na organização, e ainda colocou na vanguarda 5 homens. Isto influiu no entusiasmo popular. Mas de qualquer modo, alheando-se de questões e questões, porque estas nem sempre foram tratadas como deviam, conseguiu a massa simpaticante do ciclismo garantir um apoio financeiro em boa hora solicitado. Sem esse apoio, — o que aconteceria à organização?

\* \* \*

Sob o aspecto desportivo, ninguém afirma que os corredores tivessem recebido parciais benefícios. Todos são unânimes em dizer que tanto Dias Santos como toda a equipa do F. C. do Porto triunfaram com justiça e dignidade. Interessa que «todo o mundo» saiba isso, não vá pensar-se como se pensou sobre a luta desenvolvida pelos cinco primeiros da «Volta», na ansia natural de se classificarem o melhor possível.

O Porto ganhou bem — foi a afirmação unânime. Se um atrito, se um minuto que fosse caíssem sobre qualquer elemento dos azues e brancos, para lhe garantir o lugar e a vitória final, não faltariam por certo alviçereiros e comentadores violentos. Mas tal não sucedeu. O ataque desenhou-se de outra maneira, sem dúvida alguma, mas a esse responderam os dirigentes e orientadores da primeira equipa velocípédica portuguesa. Conformaram-se os espíritos desavindos, acietados por elementos estranhos. Quem sabia o que convinha à equipa e ao clube — que não os de fora — deu as suas ordens, e a disciplina não se partiu.

E ponto final. O Porto engeita todas as culpas que lhe queiram atribuir. Queixa-se, isso sim. E queixa-se porque deu à prova o amor do seu público fiel e desportivo; porque deu à prova uma equipa valiosíssima, prestigiadora; porque deu à prova todo o seu calor de cidade briosa, nada exigindo em troca. Nem mesmo que os técnicos afirmassem, numa só voz, — nada ter de opor-se à maior vitória colectiva de sempre!

\* \* \*

Comentários de carácter geral? Não vale a pena. Se fez bem ou mal, na arrumação de problemas que interessavam à sua equipa, no decorrer da «Volta», ou ainda aos seus homens — é assunto que interessa unicamente ao clube vencedor. Acompanhará-nos técnicos e dirigentes responsáveis. Logo, cumpria-lhes decidir de acordo com o seu modo de ver. E decidiram. De tal maneira, afinal, que a vitória foi ampla, justa, — incontestável! Foi ou não assim?

## Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 > > . . . . .	65\$00
12 > > . . . . .	130\$00

## A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C — Telef. 30078

LISBOA

# a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

**E**STAMOS, a bem dizer, no fecho da época desportiva de 1948-49 e já se torna possível abarcar todo o panorama dos acontecimentos que nos ficam à relaguarda.

Dirigindo a mirada sem preocupações de perscrutar pormenores, mas somente na intenção de apreender o aspecto geral, saltará à vista do observador o comportamento da Itália, país de inegável importância no concerto desportivo internacionalista.

Assim, em atletismo, dois lançadores de disco — Consolini e Tosi — ombreiam com os Gordien e Fuchs, no pleito para a propriedade do recorde. Conquanto lhes faltem corredores notáveis como o pequeno Mário Lanzi e Luigi Beccali, de antes da guerra, devemos recordar que os italianos derrotaram sempre a França, desde 1931 até 1939, nos encontros internacionais.

Em ciclismo, Fausto Coppi e Gino Bartali pairam muito acima de quaisquer outros campeões velocipedicos. A Itália ganhou a Volta à França, individual e colectivamente, reforçando esse triunfo com as vitórias de Messina e de Ghella, amadores, que venceram o campeonato mundial nas corridas de perseguição e rapidez, pelo que o ciclismo transalpino está francamente acima do de outras nacionalidades.

Na esgrima, os torneios mundiais falam com eloquência dos sucessores brilhantes dos atiradores romanos. A Itália ganhou o campeonato do Mundo por equipas, em florete, espada e sabre, conquistando nas duas últimas modalidades a vitória individual.

Em pugilismo, os italianos detêm três títulos europeus: Tibério Mitri, o de «médios»; Livio Minelli, o de «semi-médios»; Guido Ferracin, o de «levesíssimos».

Quanto ao remo e à natação, os representantes da República Italiana ganharam em 1948 os campeonatos da Europa (por equipas) na primeira das modalidades acima referidas e apressam-se para repetir a proeza a 22 do corrente, na Holanda.

O ténis possui magníficos praticantes. Os jogadores Del Bello e Cucelli vão a caminho dos Estados Unidos disputar aos representantes da Austrália o direito de enfrentarem os detentores da Taça Davis. Antes, haviam ganho as eliminatórias da zona europeia — contra os melhores prognósticos da crítica.

Reservámos para última citação os desportos mecânicos: automobilismo, aviação, etc. Desde muitos anos a Itália tem-se mostrado tão notável na construção como na pilotagem, mas é neste último particular que o caso interessa agora.

A memória de nomes como Dario Resta, Campari, Fagioli, Nuvolari, etc., foi substituída pela de Arcari, Villorosi, Farina, etc., condutores de temperamento, audácia e virtuosismo reconhecidos internacionalmente.

E no futebol? Torna-se desnecessário recordar o que todos os leitores conhecem. Mesmo depois do desastre de Superga que enlutou a Itália inteira e deu origem a uma vaga espontânea de piedade e de luto, os italianos souberam arrancar vitórias internacionais de considerável projecção.

No hipismo, igualmente, a Itália passa por mestre. O Grande Prémio da Europa coube ao tenente D'Inzio, montando o cavalo «Destinos».

Em suma: a nação italiana, muito embora tenha sofrido as inclemências de uma guerra brutal, sarou as feridas e pôs-se rapidamente ao trabalho. Encontrando recursos morais nas suas virtudes próprias subiu ao primeiro posto, entre os países da comunidade latina — conforme se vê pela enumeração singela dos seus feitos desportivos.

Esta verificação merece aplauso, pois a Itália tem sido vítima de uma campanha displicente e injusta, motivada por causas de política, mas abrangendo todos os ramos da sua actividade e a sua reputação.

RAFAEL BARRADAS

## Boxe

Esta semana foi meritória. Primeiro, o negro Ezzard Charles, adversário do científico mas valetudinário Gus Henrich, teve de ganhar para convencer os cépticos. O combate, travado na vasta arena ao ar livre «Yankee Stadium» de Nova York, foi favorável ao vencedor do negro Walcott.

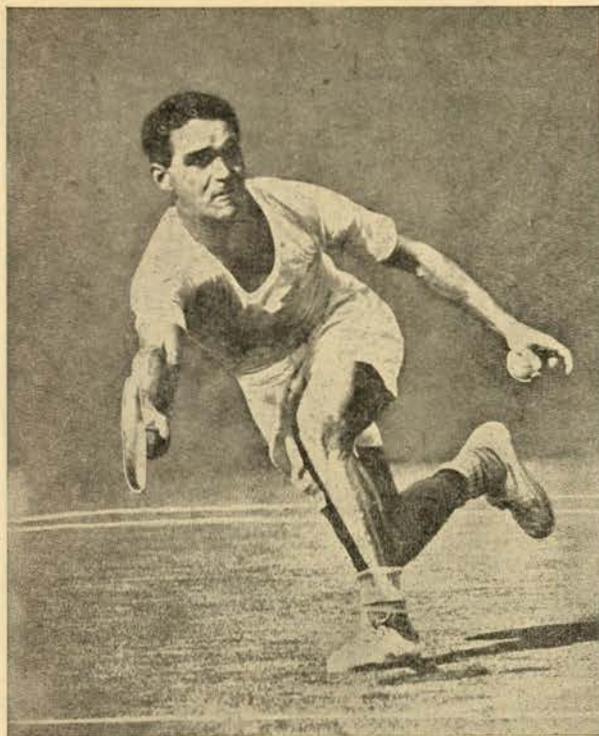
Outro campeonato internacional disputou-se em Barcelona. Luis Romero, cam-

peço de Espanha de «levesíssimos» e rijo golpearador adormeceu o italiano Guido Ferracin, conquistando-lhe o campeonato da Europa.

Tiberio Mitri, titular europeu de «médios» triunfou com dificuldade de Robert Chappé, por pontos, em Trieste, após 10 assaltos.

Chappé regressou dos Estados Unidos, onde os seus progressos foram notórios.

Ray Farnochon, campeão europeu de «semi-leves», ganhou em Alger, ao peso «leves» Bonazit, por pontos.



O principal jogador de ténis italiano Gianni Cucelli, agora nos Estados Unidos, é um atleta forte e atarracado de magnífica técnica. A Itália joga contra a Austrália para as meias-finais da Davis Cup

## Atletismo

O encontro anual entre representantes da França e da Grã-Bretanha, disputado no Estádio de White-City (Londres) constituiu uma surpresa desagradável para os continentais.

A equipa britânica, guiada pelo veterano barreiraista Finlay, conseguiu folgada vitória por 82 a 65 pontos.

Principais resultados:  
100 jardas: 9,7 s. — Laing (G. B.).  
220 jardas: 21,8 s. — M. D. Baily (G. B.).  
440 jardas: 45,8 s. — Pugh (G. B.).  
880 jardas: 1 m. 51,2 s. — Wint (G. B.).  
Milha: 4 m. 10 s. — Verrier (F.).  
3 Milhas: 14 m. 9 s. — Minoum (F.).  
2 Milhas obstáculos: 10 m. 19,6 — Puzajon (F.).

120 jardas-barreiras: 14,4 s. — Finlay (G. B.).  
440 jardas-barreiras: 55,4 s. — Elloy (F.).  
Salto em altura: 1,95 — Paterson e Pavitt (G. B.).

Salto em comprimento: 7,21 — Williams (G. B.).

Salto à vara: 4,11 — Breitman (F.).

Lançamento do peso: 14,57 — Lapicque (F.).

Lançamento do disco: 44,80 — Kirs-tetter (F.).  
Lançamento do dardo: 55,85 — Dal-Pympie (G. B.).

Lançamento do martelo: 52,85 — M. D. Clarke (G. B.).

No Estádio Bislet, de Oslo (Noruega) efectuou-se o encontro de atletismo Estados Unidos contra o Norte da Europa. Entre outros resultados de grande categoria figura o lançamento do peso a 17,79, pelo hercúleo Jim Fuchs, que se exhibiu há poucas semanas em Lisboa.

Esta proeza constitui um novo recorde mundial.

Os resultados do torneio, ganho pelos Estados Unidos, foram os seguintes:  
100 metros — 10,3 s. — Stanfield (E. U.).  
200 metros — 21,1 s. — Stanfield (E. U.).  
400 metros — 46,8 s. — Whitfield (E. U.).  
800 metros — 1 m. 51,8 s. — Whitfield (E. U.).

1.200 metros — 3 m. 49 s. — Strand (N. E.).

1.600 metros — 14 m. 55,6 s. — Koskela (N. E.).

10.000 metros — 50 m. 4,8 s. — Haino (N. E.).

Maratona — 2 h. 37 m. 25 s. — Leander-son (N. E.).

4x100 — 41,2 s. — Estados Unidos.

4x400 — 5 m. 11,4 s. — Estados Unidos.  
4x1.600 — 15 m. 41,2 s. — Norte Europa.  
3.000 metros — obstáculos — 9 m. 6 s. — Soederbey (N. E.).

Altura — 1,95 — Ahmann (N. E.).

Comprimento — 7,27 — Douglas (E. U.).

Vara — 4,80 — Richards (E. U.).

Tripla — 15,35 — Ahmann (N. E.).

Peso — 17,79 — Fuchs (E. U.).

Disco — 55,57 — Gordien (E. U.).

Dardo — 72,55 — Rautavaara (N. E.).

Martelo — 52,48 — Ericsson (N. E.).

110 met.-barreiras — 14,2 — Dixon (E. U.).

400 met.-barreiras — 51,8 — Ault (E. U.).

Decatlo — 7.546 pts. — Mathias (E. U.).

Os Estados Unidos ganharam o torneio por 255,5 pts. a 224,5.

Os campeonatos da Alemanha disputaram-se sob uma temperatura verdaderamente torrida. Apesar desse contra-tempo, alguns resultados emparelham com os melhores da Europa e dos Estados Unidos, a provar o renascimento dos desportos atléticos de Alem-Reno.

A cidade e porto de Bremen foi o local escolhido para o torneio cujas proezas mais notáveis foram: 400 metros em 47,8 s., por Huppertz; 800 metros 1 m. 51,4 s., por Ulzheimer; salto em comprimento 7,58 por Kreubich; martelo 55,88 por Wolf.

Fischer ganhou os 100 metros em 10,6 s. e Bingen lançou o peso a 15,527.

O lançador francês Pierre Legrain bateu o recorde de França do martelo, arrojando o engenho a 51,28 (antigo recorde, Wirtz com 51,06).

A Sudeslávica bateu a Bélgica por 117 pontos a 98. O encontro disputou-se em Bruxelas.

## Remo

Realizaram-se em Pádua as finais do campeonato italiano de remo. Eis os resultados nas diversas provas:

Quatro com timoneiro — Timavo 6 m. 36,2 segundos.

Dois sem timoneiro — Baldealo 7 m. 30,3 segundos.

Esquife — Catarina 7 m. 27,2 s.

Dois com timoneiro — Libertas 7 m. 45,2 segundos.

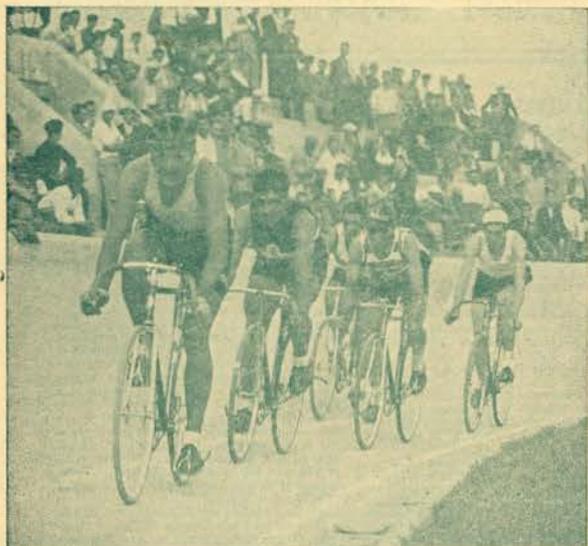
Quatro sem timoneiro — Mandelo 6 m. 49,2 segundos.

Double-Sculls — Ginástica Triestina.

Oito — Varesio 6 m. 16,4 s.

Varesio é o campeão europeu da especialidade desde 1947.

**defende e ganha o título  
de campeão do Mundo de boxe**



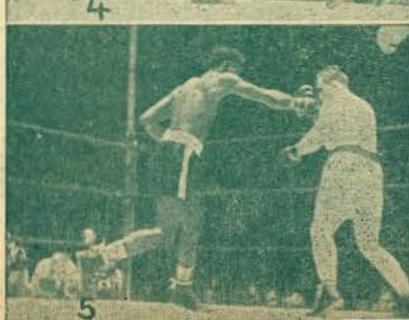
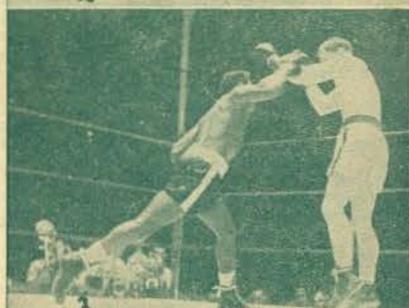
Foi preciso um segundo combate! No primeiro, as opiniões dividiram-se, por isto ou por aquilo... Embora tivesse ganhado o mesmo Ezzard Charles, havia quem admitisse a possibilidade dele não ser o melhor!

Reeditada a edição verificou-se, porém, que o ceptro estava bem firme nas garras do negro. A sua vitória não sofre contestação de qualquer natureza. O melhor pugilista venceu, e é tudo. Lesnevi. h nada pôe fazer, apesar da sua bravura e boa vontade.

As fotografias que publicamos devidas ao fotógrafo Hugh Broderick, são um documento precioso da grande pugna. São-nos enviados directamente da América e marcam as fases importantes do célebre combate.

De cima para baixo veja com atenção o leitor o que se passa:

1. Ezzard ataca com violência e G. L. cede terreno, nitidamente embarracado com o ataque positivo, da esquerda do campeão negro; 2. Gus Lesnevich ataca por sua vez em *esquerdos*, mas estes perdiam-se no ar, desviado seu rumo pelo forte antagonista; 3. E. C. tenta abrir a guarda do adversário e tocá-lo com a sua poderosa *direita*; 4. Ezzard Charles consegue o seu objectivo, embora abrindo a sua própria guarda; 5. No último assalto já não há dúvidas possíveis: a *direita* do negro atinge como quer Gus Lesnevich e o seu efeito é demolidor. Há agora um novo campeão!



Três aspectos do festival de ciclismo e atletismo que no domingo passado se efectuou no Estádio «José Alvalade».

De cima para baixo — Bermudez e João Lourenço que ganharam a prova «americana» de 1 hora. — Uma passagem da «americana» de 1 hora em que tomaram parte equipas do Sporting, Benfica e Campo de Ourique. — Um aspecto da prova de 800 metros, que foi ganha pelo benfiquista Adriano Gomes, que neste momento marcha em segundo.